

UNEMAT Editora

Editor

Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor

Autores

Diagramação

Ricelli Justino dos Reis

Capa

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2014 / Unemat Editora

Impresso no Brasil - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenador /Organizador: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 4, nº. 1, (2014) . 274 p.

Modo de acesso:<<http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural. 1. Unemat Editora. Departamento de História de Cáceres.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil -

78200000

UNEMAT
EDITORA

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Revista



Dossiê: Ensino de história e história da educação: caminhos de pesquisa
(Volume I) - [2014/I]

O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS EM MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA DESTINADOS A PROFESSORES NO BRASIL

Oswaldo Rodrigues Junior¹
osvaldo.rjunior@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta o estado da arte das pesquisas em manuais de Didática da História destinados a professores no Brasil. O presente trabalho parte da discussão indicada por Choppin (2004) sobre o problema léxico nas pesquisas sobre material didático. Desta forma, tomou-se os conceitos de manual de didática específica (BUFREM; GARCIA; SCHMIDT, 2006) e de manual de didática especial (BATISTA, 2000), no sentido de definir o objeto das pesquisas analisadas. A partir desta definição inicial analisou-se o estado da arte das pesquisas em manuais de Didática da História no Brasil permitindo algumas inferências: 1) as pesquisas priorizam a análise de conteúdo dos manuais; 2) as pesquisas contribuem para a história do ensino de História; 3) as pesquisas indicam a existência de um código disciplinar da Didática da História; 4) as pesquisas apresentam indícios das formas de ensinar e aprender em determinados contextos.

Palavras-chave: Manuais de Didática da História. Didática da História. Ensino de História.

ABSTRACT: This paper presents the state of the art of researches in History didactics manuals for teachers in Brazil. The present work parts from the discussion indicated by Choppin (2004) about the lexical problem in researches on teaching material. Took the concepts of specific didactic manual (BUFREM; GARCIA; SCHMIDT, 2006) and special teaching manual (Baptist, 2000), in the direction of defining the object of the studies analyzed. From this initial definition it has been analyzed the state of the art of the research in History didactics manuals in Brazil allowing some inferences: 1) the researches prioritize the textbooks analysis content, 2) the researches contribute to the history of History teaching 3) researches indicate the existence of a disciplinary code of History Didactics, 4) the researches present evidences of the ways of teaching and learning in certain contexts.

Keywords: Manuals of History Didactics. Didactics of History. History Teaching.

Munakata (2012) identifica a tese de doutoramento *Livro didático e saber escolar*, de Circe Bittencourt, defendida na Universidade de São Paulo em 1993, como um marco na produção científica sobre livros didáticos no Brasil. Isso porque, até então, cerca de apenas 50 (cinquenta) trabalhos sobre livro didático haviam sido realizados no Brasil. A contribuição não reside apenas na multiplicação de trabalhos posteriores, mas na amplitude do trabalho de Bittencourt (1993) que permitiu a ampliação do campo de pesquisas sobre livro didático no Brasil.

Neste sentido, nos anos 1990 e 2000 o número de trabalhos sobre livro didático no Brasil foi ampliado de maneira significativa, seja pelo surgimento de grupos de

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná orientado pela Profª. Dra. Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia. Membro do Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas – NPPD/UFPR. Professor da Rede Municipal de Itararé- SP. Coordenador e professor do curso de Licenciatura em História das Faculdades Integradas de Itararé.

pesquisa, seja pela origem de eventos específicos da área. Neste ínterim, na primeira década do século 21 (vinte e um), foram aproximadamente 800 (oitocentos) trabalhos publicados. Assim, segundo Munakata (2012. p. 192), “houve época em que estudar livro didático era visto como desvio de comportamento. Hoje, como se viu, há uma proliferação de temas e abordagens possíveis para o seu estudo”.

Dentre estes trabalhos uma parcela incipiente, mas em expansão na Iberoamérica, destina-se a analisar os manuais de Didática específica ou especial (GUEREÑA, OSSENBACH; POZO, 2005), isso porque na maioria dos casos, os manuais escolares dos alunos foram privilegiados nas pesquisas acadêmicas, conforme Bufrem, Garcia e Schmidt (2006). Choppin (2004) indica a existência de um problema léxico nas pesquisas envolvendo livros didáticos, que leva, de maneira errônea, os pesquisadores a utilizarem o termo “livros didáticos” sem especificar o objeto analisado.

Como o presente trabalho tem o objetivo inventariar o estado da arte das pesquisas em manuais de Didática da História no Brasil, é fundamental que se defina o objeto manual de Didática da História.

OS MANUAIS DE DIDÁTICA ESPECÍFICA

Inicialmente entende-se estes como manuais, pois “apresentam a proposta de, a um só tempo introduzir um tema e sumariá-lo” (BUFREM, GARCIA, SCHMIDT, 2006. p. 123). Estes manuais se diferenciam, vez que são destinados a professores, diferentemente dos manuais destinados aos alunos e:

[...] propõem métodos e atividades de ensino de determinadas disciplinas indica, também, a necessidade de explicitação do que se entende pelo conjunto de conhecimentos veiculados por estes manuais, ou seja, que tipo de saberes são constitutivos destas publicações destinadas aos professores (BUFREM, GARCIA, SCHMIDT. p. 123).

Outra especificidade dos manuais destinados a professores reside no fato destes não possuírem relação com os conhecimentos específicos, como História Antiga ou História da América, sendo esses livros textos onde “trata-se também de uma gama de saberes que podem ser incluídos nos saberes e práticas próprios da Didática das disciplinas” (BUFREM, GARCIA, SCHMIDT. p. 123). Assim, compreende-se os manuais de didática específica ou “didática especial (que propunham métodos e atividades de ensino em alguma disciplina)” (BATISTA, 2000. p. 551) como um objeto diferenciado em relação aos livros didáticos destinados aos alunos.

Tal característica diferencia os manuais de Didática da História dos manuais de conteúdo destinados a professores. Bittencourt (1993) apresenta na sua tese *Livro didático e saber escolar* o argumento de que a origem dos livros didáticos está intrinsecamente relacionada a origem das disciplinas pelos poderes instituídos. Assim, até a primeira metade do século 19 (dezenove) a autora identifica a tradução de compêndios, principalmente franceses que eram destinados aos professores. Estes por não possuírem formação específica nas áreas se utilizavam dos compêndios em sala de aula.

Mesmo na segunda metade do século 19 (dezenove), quando foi iniciado o processo de produção de manuais de História no Brasil, estes eram quase exclusivamente destinados aos professores. Munakata (2004) investigou o processo de produção de dois destes manuais: História do Brasil, de Américo Jacobina Lacombe e História Geral, por Carlos Delgado de Carvalho iniciados em 1953. Estes manuais foram encomendados por Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Quando assumiu o cargo em 1952, Teixeira deu início a Campanha do Livro Didático e Manuais de Ensino (CALDEME), que tinha como objetivo a produção de livros/manuais para alunos e professores. Neste caso, os manuais em questão eram dirigidos aos professores.

Munakata (2004) apresenta o processo de produção a partir de documentos retirados do acervo do INEP, principalmente correspondências entre membros do INEP, autores e avaliadores. Nestas cartas o maior problema é a própria composição dos livros, o conteúdo historiográfico das obras. No decorrer do artigo, apesar de demonstrar a preocupação dos autores dos manuais com uma possível “renovação metodológica”, Munakata (2004) deixa claro que estes eram manuais de conteúdo específico que deveriam servir aos professores para o preparo das aulas. Desta forma, eles ajudariam os professores que muitas vezes não tinham acesso as bibliografias necessárias para a elaboração de uma boa aula.

Desta forma, podemos entendê-los também como manuais destinados aos professores, porém com uma especificidade, tratavam do conteúdo específico da disciplina, por exemplo, História Antiga, História do Brasil não configurando-se, portanto, como manuais de didática específica, conforme Bufrem, Schmidt e Garcia (2006).

Schmidt (2008) ao inventariar os manuais de Didática da História produzidos no Brasil indica a existência de 14 (quatorze) obras²:

MANUAL	AUTOR	ANO
<i>Methodologia da História na aula primária</i>	Jonathas Serrano	1917
<i>Como se ensina História</i>	Jonathas Serrano	1935
<i>A História no curso secundário</i>	Murilo Mendes	1935
<i>Princípios do método no ensino de História</i>	Amélia Americano Franco Domingues de Castro	1952
<i>Apostilas de Didática Especial de História</i>	CADES ¹	1959
<i>A história na escola secundária</i>	Hugo Weiss et ali (orgs)	1963
<i>Curso de Didática de História</i>	João Alfredo Libâneo Guedes	1963

2 Em seu artigo *O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas*, Schmidt (2008) aponta a existência de “14 manuais de Didática da História, produzidos, entre 1917 e 2004” (p. 10), porém no decorrer do texto são citados 15 (quinze) manuais e nas referências apenas 11(onze) manuais. Tal fato deve estar relacionado a quantidade de Apostilas de Didática Especial publicadas pela CADES tendo estas diferentes autores.

<i>Planos de aula de História</i>	Lucia de Lemos	1964
<i>O ensino da História no Primário e no Ginásio</i>	Miriam Moreira Leite	1969
<i>Caderno MEC de História</i>	Lydinéa Gasman e James Braga Viera da Fonseca	1971
<i>Metodologia do ensino de História e Geografia</i>	Heloisa Dupas Penteado	1994
<i>Didática e Prática de Ensino de História</i>	Selva Guimarães Fonseca	1ª edição: 2003; 5ª edição: 2005.
<i>Ensino de História: fundamentos e métodos</i>	Circe Maria Fernandes Bittencourt	1ª edição: 2004; 3ª edição: 2009.
<i>Ensinar História</i>	Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli	1ª edição: 2004; 2ª edição: 2010.

São esses os manuais de Didática da História tomados neste artigo como referência para a produção do estado da arte das pesquisas sobre manuais de Didática da História no Brasil.

OS MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO BRASIL.

Precursor na produção de manuais de Didática da História no Brasil, Jonathas Serrano³ foi o responsável pelos manuais *Methodologia da História na aula primária* (1917) e *Como se ensina a História* (1935). As duas obras são objeto dos trabalhos de Schmidt (2004; 2005; 2008) e Freitas (2006).

Schmidt (2004) aponta que no Brasil, pode ser considerado o marco inicial da História como disciplina escolar o regulamento de 1838 do Colégio Dom Pedro II, situado na cidade do Rio de Janeiro. Porém é após a proclamação da República em 1889, no contexto de construção do Estado Nacional, que surge uma literatura didática específica.

Dentre esta literatura, destaca-se a obra de Jonathas Serrano que parte fundamentalmente da perspectiva metodológica de Dewey⁴, e também dos debates da Escola Nova⁵, entendendo que deve-se partir da experiência da criança e combater

3 Filho do capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Souza Serrano, senador da República pelo estado de Pernambuco, e de Ignez da Silveira Serrano. Estudou no Colégio Pedro II, formou-se em Direito. Foi membro e participou da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, além de ter exercido o magistério de História, no Colégio Pedro II e na Escola Normal do antigo Distrito Federal (URBAN, 2009. p. 34).

4 John Dewey (1859-1952), filósofo norte americano defendia a democracia e a liberdade de pensamento como fundamentos da educação.

5 Também conhecido como “Escola Ativa” ou Escola Progressista” foi um movimento de renovação do ensino que surgiu na Europa em meados do século 19 Europa chegando ao Brasil por intermédio de Rui Barbosa em 1882.

o ensino tradicional que primava pela memorização. Inserem-se estas influências no movimento chamado de “entusiasmo pela educação” ou “otimismo pedagógico”, intimamente ligado a Escola Nova. Com isso, percebe-se a tentativa de inserção de uma nova forma de ensinar História, ou seja, a partir de uma perspectiva renovada, conforme Schmidt (2004; 2005; 2008). Ainda sob o ponto de vista desta autora (2004) para Serrano “a História como uma ciência tem como objeto o estudo da origem e do desenvolvimento das sociedades humanas, a partir dos seus fatos mais importantes, que devem ser explicados de forma encadeada, em suas causas e conseqüências” (p. 198).

Na obra, *Methodologia da História na aula primária*, Serrano propõe sete métodos para o ensino da História. O primeiro é o método etnográfico; o segundo, o sincrônico; o terceiro, o cronológico; o quarto, o regressivo; o quinto, o anedótico ou biográfico; o sexto, o continuado; e por fim o sétimo, o concêntrico. Além dos métodos, Serrano discute neste manual os recursos técnicos possíveis para o ensino da História, como: os processos visuais, os questionários metódicos, as preleções, as leituras comentadas e o saber contar, as datas importantes, e os exercícios escritos e orais.

Em 1935, Serrano publicou *Como se ensina História* obra que viria criticar a Reforma Francisco Campos de 1931. Schmidt (2004) conclui que Jonathas Serrano é um homem de seu tempo, responsável pela “pedagogização do saber histórico” (p. 208).

Freitas (2006) em sua tese *A pedagogia da história de Jonathas Serrano para o ensino secundário brasileiro (1913/1945)* vai além da análise de conteúdo dos manuais de Didática da História de Serrano, analisando de maneira mais pormenorizada a biografia e a trajetória profissional deste intelectual. Assim, aponta que a pedagogia da história de Serrano foi configurada na prática enquanto professor, no catolicismo e nas assessorias a implantação de políticas públicas.

Essa pedagogia tem vários aspectos destacados por Freitas (2006): 1) influência da *psicologia do interesse* de Claparède⁶; 2) Importância da memorização e raciocínio; 3) Concepção de ensino enquanto transferência; 4) História enquanto “ciências das causas”; 5) Crítica imparcial e objetiva (p. 262). Em relação ao método de ensino destaca-se o anedótico-biográfico e o concêntrico. Desta forma, a pedagogia da história de Serrano era escolanovista e católica, segundo Freitas (2006, p. 263).

Ante o exposto, percebe-se aproximações e distanciamentos entre os trabalhos de Schmidt (2004; 2005; 2008) e Freitas (2006). Aproximações, pois ambos identificam a influência da Escola Nova e o anseio de Serrano por um método renovado para o ensino da História, advindo, principalmente da influência da pedagogia e da psicologia. Distanciamentos na identificação por Freitas (2006) do papel da memorização no método de Serrano. Para ele, Serrano corroborava “como uma teoria da aprendizagem onde o estudar é também exercitar a memória e o raciocínio” (FREITAS, 2006, p. 262).

A monografia de Murilo Mendes *A História no curso secundário* é objeto dos trabalhos de Schmidt (2008), Freitas (2004) e Urban (2009). Freitas (2004) investiga a pedagogia da História de Murilo Mendes apresentando a importância do pensamento

6 Édouard Claparède (1873-1940), médico e psicólogo suíço “é considerado um dos pioneiros no estudo da psicologia da criança, a partir de um enfoque interacionista sobre a gênese dos processos cognitivos” (NASSIF; CAMPOS, 2005, p. 92). Esta “psicologia do interesse” esta relacionada a concepção de que é necessário despertar o interesse das crianças para que a aprendizagem seja possível.

de Dewey em sua composição. Influenciado pelas ideias do educador norteamericano, Mendes construiu uma monografia na qual questiona o método mnemônico, ou de memorização no ensino de História como responsável pela insatisfação dos alunos para com a disciplina.

Contra esta perspectiva tradicional de ensino de História, Mendes propõe uma “nova pedagogia” centrada no educando. Para isso, seria fundamental o arcabouço da ciência da Pedagogia como orientadora do processo. Assim “fazer entrar a pedagogia implicava transferir o poder de elaboração dos programas para os pedagogos ou, em instância futura, substituir a geração de professores autodidatas pela geração de formados nas faculdades de filosofia - instruídos em ciência da história e em ciência(s) da educação” (FREITAS, 2004. p. 173).

Schmidt (2008) aponta que Murilo Mendes defende “a necessidade da aprendizagem a partir do presente” (p. 10). Isso por conta da influência da psicologia da educação na concepção de aprendizagem deste intelectual. Urban (2009) complementa a análise pontuando que:

Destaca-se na obra de Mendes (1935) uma preocupação com uma renovação metodológica para o ensino de História. O autor dedicou uma parte da sua obra às discussões sobre a adequação entre os ideais e interesses da juventude, fazendo reflexões sobre as *Novas directrizes da metodologia da historia* (URBAN, 2009. p. 35).

A obra de Amélia Americano Franco Domingues de Castro intitulada *Princípios do método no ensino de História* (1952) é objeto das investigações de Schmidt (2008a; 2008b) e Urban (2009). Schmidt (2008a) denota que Castro, assim como Serrano e Mendes, parte das ideias propostas por Dewey pontuando a importância do aluno, enquanto centro do processo de ensino e aprendizagem. Em relação a concepção de aprendizagem desta autora, Schmidt (2008a) afirma que “a psicologia do desenvolvimento fundamenta a concepção de aprendizagem dessa autora” (p. 11). Além disso, Castro promove uma diferenciação entre o saber histórico e o saber escolar, conforme Schmidt (2008b).

Em relação ao método de ensino, Urban (2009) mostra a importância da Pedagogia na obra de Castro. Assim, a autora entende o método pedagógico, a partir do:

[...] estudo das diferentes técnicas didáticas particulares, aplicáveis nas situações em que se defrontam professor e alunos, não pode ser desligado das considerações gerais que as explicam e fundamentam. Diversos modos de proceder podem ser utilizados na direção da aprendizagem, desde que se harmonizem e unifiquem pela obediência a certos princípios de âmbito mais geral que constituem o método pedagógico. Ora, este, quando encarado em função de uma determinada matéria, deve, preliminarmente, considerar os princípios fundamentais referentes à natureza da matéria em questão, pois, como diz Dewey, o método de ensino é “a eficaz orientação da matéria para resultados desejados”. (CASTRO, 1952, p. 5, APUD: URBAN, 2009. p. 36).

Urban (2009) alega que desde meados da década de 1940 o Ministério da

Educação e Cultura, demonstrando interesse e preocupação com a formação dos professores, criou dois órgãos responsáveis por pensar essa formação. Em 1944 cria o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e em 1953 CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário). “Entre as ações principais desses órgãos estava a publicação de periódicos e manuais destinados à formação complementar dos professores brasileiros” (SCHMIDT, 2006, p. 717). Das obras publicadas pela CADES destacam-se as *Apostilas de Didática Especial de História* de 1959.

Tais apostilas são objeto das investigações tanto de Schmidt (2006, 2008a), quanto de Urban (2009). Segundo esta última autora, as apostilas demonstram a preocupação com o ensinar e aprender História, sendo que “na unidade intitulada “*A motivação da aprendizagem da História*” são relacionadas orientações referenciadas em estratégias decorrentes, tanto da Psicologia como da Didática Geral” (URBAN, 2009, p. 36).

Schmidt (2008a) afirma ainda que “a visão predominante do grupo da CADES era a de que aprender História seria estudar o passado de maneira mais científica possível, e não buscar uma fonte de moral ou exemplos e fatos dignificantes para servir ao presente” (p. 12). Um exemplo destacado pela pesquisadora é o da obra *A História na Escola Secundária* organizada por Vicente Tapajós e Hugo Weiss, produzida pela CADES. Mantendo o pensamento de Schmidt (2006) Weiss destaca em seu artigo a diferença entre o historiador e o professor, que deve conhecer principalmente os programas governamentais para o ensino da disciplina.

A obra *Curso de Didática de História* de João Alfredo Libaneo Guedes foi analisada por Schmidt (2008 a) e Urban (2009). Esta obra, “entre outros aspectos, apontou para uma preocupação com teoria geral de Didática de História, os alvos do ensino, os fundamentos psicológicos do ensino de História, o plano de aula, as técnicas de ensino e a verificação da aprendizagem de História” (URBAN 2009, p.37). Dessa forma, Guedes toma a psicologia como ponto de referência para a aprendizagem, destacando-se na obra também a criação da sala específica de História como uma possibilidade inovadora para o ensino da História, segundo Urban (2009). Schmidt (2008a), por sua vez, corrobora com Urban (2009) sobre a importância da psicologia educacional na obra de Guedes.

Também produzido na década de 1960 *O ensino de História no Primário e no Ginásio* (1969), de Miriam Moreira Leite é objeto das investigações de Schmidt (2008a) e Urban (2009). Leite propõe a aprendizagem a partir de conceitos e da relação com o tempo, influenciada pela psicologia cognitiva, conforme Schmidt (2008a). Urban (2009) também pontua a influência da psicologia dando voz a autora que afirma:

Em 1969, há treze anos, a Cultrix publicou o livro *O Ensino de História*, inspirado em minhas experiências como aluna, professora e mãe de alunos da escola de 1.º grau. Iniciado como manual de didática de História, em 1967, o livro terminou como um levantamento de condições sociais em que se desenvolvem o ensino da História e o relacionamento na sala de aula. (LEITE, 1982, p. 88, APUD: URBAN, 2009, p. 39).

No contexto de redemocratização as lutas pelo retorno da História, e enquanto disciplina específica contrárias aos Estudos Sociais, demonstram o momento de tentativa de renovação do ensino de História no Brasil. Neste período, também destacam-se o surgimento dos principais eventos sobre ensino de História até hoje realizados no Brasil⁷.

Na década de 1990 a obra de Heloisa Dupas Penteado *Metodologia do ensino de História e Geografia* (1994), ainda derivada das heranças deixadas pelos Estudos Sociais, pontua o ensino integrado de Geografia e História, tendo os conceitos como instrumentos de trabalho.

Schmidt (2008a) afirma que “a década de 1990 terminou com a proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais, referência para trabalhos e publicações posteriores na área de Didática da História” (p. 18). Dentre estas publicações destacam-se os manuais: *Didática e Prática de Ensino de História* (2003) de Selva Guimarães Fonseca, *Ensinar História* (2004) de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli e *Ensino de História: fundamentos e métodos* (2004) de Circe Bittencourt. Analisados por Schmidt (2008a) e Rodrigues Junior (2010) estes manuais podem ser entendidos como “contemporâneos”, tanto pela proximidade temporal, quanto pela renovação no ensino de História promovida pelos mesmos.

Conforme Schmidt (2008a) os manuais citados propõe:

o aprender História como condição de formação para a cidadania concreta e não abstrata, aprender a partir de temas e problemas que incorporem elementos da realidade social de alunos e professores; a aprendizagem que contribua para que o aluno se identifique como sujeito da história e da produção do conhecimento histórico; aprender desenvolvendo a compreensão histórica da realidade social, tendo como base os procedimentos históricos, incorporando temas da história local e levando-se em conta as relações entre a micro e a macro história (p. 18).

Na dissertação de mestrado intitulada *Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História*⁸ foi investigada a relação entre a História - particularmente as contribuições da Teoria da História - e os saberes pedagógicos na constituição da Didática da História nos manuais “contemporâneos”.

Como resultados da pesquisa de Mestrado, pode-se inferir que os manuais analisados demonstram a “pedagogização do conhecimento histórico”, como afirma Schmidt (2004). Isso se deve à forte influência do conceito de transposição didática de Chevallard (2005), com o qual o autor faz uma clara referência à pedagogia dos objetivos, centrada na aquisição de habilidades cognitivas do pensamento.

Por outro lado, pode-se falar em um diálogo original entre a Teoria da

7 Entre os exemplos de eventos organizados, temos o *Perspectivas do Ensino de História* que teve sua primeira edição realizada na Universidade de São Paulo, em 1988; e o *Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH)* que vem ocorrendo desde 1993 com primeira edição sediada na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) em Uberlândia-MG.

8 RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. **Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História**. Curitiba, 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Trabalho orientado pela Profa. Dra. Maria Auxiliadora Schmidt.

História e o método de ensino presente nos manuais analisados, constituindo-se desta forma, uma Didática específica, a Didática da História. Isso se deve ao fato de que nos manuais analisados, a metodologia de ensino têm como referência o próprio método histórico, ou seja, as autoras relacionam a Teoria da História e os saberes pedagógicos na proposição de métodos de ensino da História.

INFERÊNCIAS A PARTIR DO ESTADO DA ARTE

Choppin (2004) diz que duas são as grandes linhas de pesquisa que tomam como objeto o livro didático, quando o assunto é pesquisa com material didático, são elas:

1ª - aquelas que, concebendo o livro didático apenas como um documento histórico igual a qualquer outro, analisam os conteúdos em uma busca de informações estranhas a ele mesmo (a representação de Frederico II da Prússia ou a representação da ideologia colonial, por exemplo), ou as que só se interessam pelo conteúdo ensinado por meio do livro didático (história das categorias gramaticais, por exemplo);

2ª - aquelas que, negligenciando os conteúdos dos quais o livro didático é portador, o consideram como um objeto físico, ou seja, como um produto fabricado, comercializado, distribuído ou, ainda, como um utensílio concebido em função de certos usos, consumido — e avaliado — em um determinado contexto (p. 554).

Ainda de acordo com Choppin (2004), essas duas linhas podem se entrecruzar em uma mesma pesquisa. Além disso, o método principal utilizado é a análise do conteúdo. Essa análise é feita de duas formas:

à crítica ideológica e cultural dos livros didáticos; e a segunda, mais recente, mas que tem sido cada vez mais considerada desde o final dos anos 1970, analisa o conteúdo dos livros didáticos segundo uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática (p. 555)

Partindo do referencial de Choppin (2004) infere-se que as pesquisas sobre os manuais de Didática da História no Brasil estão circunscritas fundamentalmente na primeira linha de pesquisa, abordando o conteúdo dos manuais com a intenção de demonstrar a constituição da Didática da História. Em relação a metodologia, estas pesquisas privilegiam a análise de conteúdo.

Ademais, a análise tem sido feita sob uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática conforme os trabalhos de Schmidt (2004; 2005; 2006; 2008a; 2008b), Urban (2009), Freitas (2004; 2006) e Rodrigues Junior (2010). Isso porque as citadas pesquisas apresentam epistemológicos da disciplina de Didática da História presentes nos manuais investigados.

Concluí-se também que as pesquisas contribuem para a história do ensino da História no Brasil. Neste sentido, as pesquisas apresentam a “transposição didática” do conhecimento histórico em conhecimento escolar, pautada em aspectos pedagógicos

e psicológicos (SCHMIDT, 2008a, URBAN, 2009); a dicotomia entre as concepções “tradicionais” e “renovadas ou ativas” (SCHMIDT, 2008b) e a “transposição didática” do método da História para o método de ensino (RODRIGUES JUNIOR, 2010). Tais conclusões permitem inferir que a Pedagogia, a Psicologia e a Didática Geral assumem papel importante enquanto ciências auxiliares a História na configuração da Didática da História.

Outra contribuição fundamental reside na compreensão da existência do código disciplinar da Didática da História no Brasil. Partindo do conceito de Cuesta Fernández (1997)⁹, Schmidt (2006, 2008a, 2008b) e Urban (2009) apontam a existência de um código disciplinar da Didática da História expresso nas legislações específicas para o ensino da História, nos currículos das disciplinas de formação de professores de História, e, principalmente nos manuais de Didática da História destinados aos professores.

As pesquisas analisadas apresentam ainda indícios das formas de ensinar e aprender em determinados contextos. Desta forma, por mais que seja marcante, em todos eles, a presença das ciências auxiliares, como anteriormente citado, os manuais devem ser “entendidos enquanto elementos da cultura escolar, produtos e produtores de conhecimentos escolares; como instituidores de modos de fazer ou de construir a escolarização, bem como construtores de identidades pessoais e profissionais” (BUFREM; GARCIA; SCHMIDT, 2006. p. 124). Assim, apresentam-se diferenças entre os manuais de Serrano (1917; 1935) e Fonseca (2003), Schmidt e Cainelli (2004) e Bittencourt (2004), por exemplo. Todos apresentam relações com as ciências auxiliares, porém os manuais “contemporâneos” produzidos em um contexto de “renovação” do ensino da História apresentam a importante contribuição do método da história enquanto método passível de ser utilizado em sala de aula.

Por fim podemos afirmar a existência de um subcampo de pesquisas em Didática da História, no qual pesquisadores tem privilegiado o trabalho com os manuais de Didática da História destinados aos professores. No entanto, existem ainda lacunas nos estudos em relação a circulação destes manuais, bem como ao seu uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: M. Abreu (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 529-575.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

9 **Libro didático e saber escolar**. Belo Horizonte: O Código disciplinar pode ser entendido como as características da disciplina no curso da história. Conceituando, “el código disciplinar de la Historia alberga, pues, lãs especulaciones y retóricas discursivas sobre su valor educativo, los contenidos de enseñanza y los arquetipos de práctica docente, que se suceden em el tiempo y que consideran, dentro de la cultura valiosos e legítimos” (p.20). Essas características estão expressas nos “textos visíveis” (legislação, currículos, manuais escolares) e nos “textos invisíveis” (práticas de professores e alunos).

Autentica, 2008.

CAINELLI, M. R; SCHMIDT, M. A. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

BUFREM, L. S; GARCIA, T. M. B; SCHMIDT, M. A. **Os manuais destinados a professores como fontes para a História das formas de ensinar**. Revista HISTEDBR, Campinas, n.22, p. 120 –130, jun. 2006.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, 2004, vol.30, n. 3, ISSN 1517-9702.

FERNÁNDEZ, R. C. **La sociogénesis de una disciplina escolar: La Historia**. Barcelona: Pomares-corredor, 1997. 384p.

FONSECA, S. G. **Didática e prática de Ensino de História**. 4ª edição. Campinas: Papirus, 2005.

FREITAS, I. **A pedagogia da história de Jonathas Serrano para o ensino secundário brasileiro (1913/1945)**. Tese (Doutorado em História da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____. **A pedagogia da história de Murilo Mendes (São Paulo, 1935)**. In: *Sæculum - Revista de História* [11]; João Pessoa, ago./ dez. 2004.

MUNAKATA, K. **Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção**. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 513-529, set./dez. 2004.

MUNAKATA, K. **Livro didático: alguns temas de pesquisa**. In: *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NASSIF, Liliam Erichsen; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Édouard Claparède (1873-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da psicologia funcional**. Memorandum, 9, 2005. p. 91-104 disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nassifcampos01.pdf>

RODRIGUES JUNIOR, O. **Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História**. Curitiba, 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

SCHMIDT, M A. História com pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 189-219, 2004.

_____. “O método é a maravilha da escola e a delícia do professor”. Os manuais didáticos e a construção da prática de ensino de História. In: GUEREÑA, Jean-Louis; OSSENBACH, Gabriela; POZO, María del Mar del. **Manuales escolares en España, Portugal y América Latina (siglos XIX y XX)**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005.

_____. O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Natal: EDFURN, 2008a. p. 10-19.

_____. O Estado e a construção do código disciplinar da Didática da História. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 687-706, jul./dez. 2006. In: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1702/1439> Acesso em 27 jun. 2008b.

_____. O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. Natal: EDFURN, 2008b. p. 10-19.

URBAN, A. C. **Didática da História**: percursos de um Código Disciplinar no Brasil e na Espanha. Curitiba, 2009. 246f. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná.

(Footnotes)

1 Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Foram colaboradores da obra: Astréa Dutra dos Santos, Eny M. Roxo da Motta, Fernando Segismundo, João Alfredo Libâneo Guedes, Malca D. Beider. (URBAN, 2009. p. 36).